



CAMINHO DE FERRO DE LESTE. — ABERTURA REAL.

7

CAMINHO DE FERRO DE LESTE.
ABERTURA REAL.

No dia 29 de Outubro do anno passado foi aberto á viação publica, com as ceremonias usadas em taes actos, o primeiro caminho de ferro em Portugal. O cardeal patriarcha, sua alteza a senhora infanta D. Isabel Maria, o corpo diplomatico, os altos funcionarios, e grande concurso de povo já se achavam reunidos na estação de Santa Apollonia, que é onde em Lisboa principia a linha, quando ás onze horas da manhã chegou sua magestade el-rei o senhor D. Pedro v, acompanhado de seu augusto pae, princezas e infantes. Foram recebidos no pavilhão, onde havia tres compartimentos ricamente armados; um para a familia real, outro para o cardeal e cleresia, e o ultimo para o corpo diplomatico e cõrte. Ao lado, porém fora da estação, havia um grande amphitheatro toldado para os convidados. Deu-se principio ao acto pela benção das locomotivas, que entraram na estação cada uma por sua vez, parando junto ao estrado onde s. em.^a se achava. Então o cardeal tomando o hysope aspergiu-as, deitando-lhe a benção. Finda a cerimonia duas d'ellas foram engatadas no comboy, que se compunha de dezeseis carruagens, indo na do centro a familia real, e na primeira a guarda real dos archeiros. Meia hora durou a viagem do primeiro comboy desde Lisboa ao Carregado. Tres quartos de hora depois partiu o segundo comboy, composto de nove carruagens, levadas só por uma locomotiva, conduzindo accionistas e convidados.

No Carregado houve um banquete volante, no pavilhão que para esse fim se preparou na estação provisoria. Este pavilhão acha-se representado na gravura que hoje publicamos.

Pelas quatro horas e meia da tarde regressou á capital o comboy real; e ás dez da noite o resto dos convidados já se achava em Lisboa, e terminado o festejo. Em todas as povoações do transitio foram recebidos os comboys, acodindo o povo á linha percorrida com musicas, girandolas de foguetes, e arcos triumphaes.

VINGANÇA POR VINGANÇA.

Continuação.

III

AUTOPSIA DO CORAÇÃO.

Neste capitulo será o autor quem fará sua falla, dando-lhe começo na linguagem d'aquella epoca.

Não sei se a historia irá muito gostosa. Sei que a sofreguidão com que a vou narrando, não me permite dar-lhe algo repouso para advertir nas grandes coisas que a antiguidade deixou escriptas, e exornar com ellas as que os

modernos acrescentaram, pondo tambem em outras palavras as antigas.

Se bem não padece aqui alguma força a liberdade, sofre contudo sobeja violencia o apressado com que vou. Se o heide dizer n'outra parte, seja aqui logo. Tempo não hei tido de polir as minhas figuras, nem de levantar melhor traçado ao pedestal. Nem que o tivera o poderia fazer, que os proventos de autor são tão mesquinhos que nem lhe deixara para uma pada se quizera sómente viver da escripta.

Quem com juizo considerar esta machina, verá que mui semelhante vae ella ao natural; e se parecer miúdo e proluo, não me acoimem de armar tão largas redes, que assim é força para colher todos os casos, e todos os avisos da epoca.

Prasa a Deus, que nos não hajamos cansado de balde.

É assaz de fallas nossas. Dêem-nos alviçaras que vamos entrar no conto.

O cadafalso que ora levantamos para a autopsia do coração, querendo Deus não terá algo de asco para d'elle se desviarem os olhos.

Até mesmo vamos tão minuciosos no recato, que talvez nos opponhamos a que olhos de mancebo se esguelhem pelo santuario da virgindade, onde vamos conduzir o ledor sizudo.

Não queremos sombra de facilidade e ligeireza, onde advertimos que a galanteria não pode fazer mal, se nascer de um discreto ou avisado; mas é para cuidar, por comtudo se lhe seguir perigo, se toma causa n'aquelles que nem do seu, nem do alheio, zelam a honra, e se desconcertam em lembranças que se não devem nem á fé, nem ao pudor.

É na alcova da donzella onde havemos entrar.

Beatriz se acolhera ali vinda do oratorio, onde sua mãe ficara esquadrinhando na consciencia peccados alheios, que proprios não os tinha aquella alma de Deus.

Uma pequena murmuração ouvida, e não participada, era nos escrupulos feminaes de Aldonsa Peres um crime tal na santimonia, que nem toda a beataria lh'o poderia expurgar!

Por isso cria naturalmente nas mulheres que faziam profissão de mestras de virtude, em velhas alumiadas, e em gentes professoras de novidades que traziam orações e devoções de tantos dias com tantas candêas, e de tal cõr, porque logo Deus lhes mostrava o que havia de ser.

Assim era que n'essa mesma noite mandara Aldonsa chamar uma freira, das veleiras que havia em certos conventos, e onde nunca paravam; madre que se presava de dizer coisas em segredo — como, se casaria, se teria filhos, se o marido alcançaria despacho d'este ou d'aquelle cargo; que benziem enfermos; iam a Santo André; e como diz certo autor: «gastavam relhos com seus nós todo o anno.»

A madre Joanna, que assim se chamava el-

la, era tambem das confessadas certas do padre mestre Gaspar, e d'elle muito estimada, porque tinha a virtude de arrebatat os animos singelos e piedosos das senhoras e gente principal com quem se tratava.

Estas duas almas estavam na casa do oratorio entregues á sua mystica devoção, correndo o capitulo das vaidades feminaes,—como a do modo de vestir-se, em que devẽm haver crescentes ou minguentes conforme á idade;—se mais se confiou na formosura, sendo formosa, do que se reportou a fealdade, sendo feia;—se com perfumes e cheiros se transformou em perpetua pastilha e caçoila perenne, mais do que o adubo necessario da discrição com que melhor rescendem:—se foi desaffeioada ao concerto da casa e das pessoas;—se acudiu mais com regalos, doces, e conservas faltando a outras coisas mais precisas:—se na demasia das visitas se passou do velho pucaro d'agua á merenda e ao banquete;—se a pratica d'ellas mulheres se podia considerar um bom lenço de amostras;—se fumos ou vaidades começaram a cobrar de bem vistas;—se do papagaio ou saguim que tinha em casa se lhe induzira ligeireza;—se do rouxinol de todo o anno, porque cantava de noite, lhe cresciam saudades. . . . E outras coisas que, por este jaez, elegantemente descreve o nosso D. Francisco Manuel.

Aldonsa Peres não tinha em casa negrinho, ao qual se induzisse que ella dissesse requebros; nem engeitadinho gracioso, nem villão simples vestido de côres, a quem desse estranho tratamento, e que d'ahi a sua opinião lh'o tomasse reprehensivel; porque de ordinario estes eram os que n'aquelles tempos, e nos tratamentos da sociedade iam por onde queriam; o que não deixava de ser reprehensivel.

Era, como dissemos, a viuva de um homem que consumira a melhor parte da sua vida no trato e ganancia das Indias, para onde puxara sempre o seu natural, e não excesso de marido, nem desvio da mulher.

Por isso, com muita razão Aldonsa Peres dava tratos á imaginação por enxergar um peccado n'aquelles trinta dias passados des que ultimamente se reconciliara; e se não fôra o da beataria, que por tal o não tomava, nem de sombra se poderia accusar de facilidade ou ligeireza, nem vangloria ou leveza.

Sua honra e sua consciencia era bem que fossem n'este caso seus conselheiros; porque sendo difficultoso emendar cada um as suas fraquezas, contudo é possivel; mas emendar as alheias, isso sobre o difficultoso é impossivel.

-E era este o caso em que se achava a madre Joanna; que de uma pequena vaidade que Aldonsa Peres colhia de ter na sua arca muitas alfaias, prata em abastança, oiro sobejo, e joias bastantes para arrebicar doze mulheres, induzia d'essa vaidade um grande peccado, e lhe fallava na mulher honrada que deve tratar o dinheiro com aquelle mesmo temor que ao ferro, e fo-

go, e outras coisas de que convem sejam medrosas, por parecer o dinheiro em mãos de mulher uma arma impropria.

D'aqui um temor de consciencia, onde nem ao de leve sombra de escrupulo devia passar!

Estremecia muito Aldonsa Peres por sua filha Beatriz; e era natural este achego de mãe, por ser a unica que em sua vida tivera.

De portas a dentro eram muitas as figurarias com que se folgava com ella ainda em menina, porque seguindo a natural inclinação das mães não quiz entregar a villãs, bem dispostas com honrarias de amas, o cuidado de crear aquella que nove mezes sustentara dentro em si; mas de portas afôra Aldonsa Peres soubera sempre evitar-lhe seus momos, para que na opinião não parecesse mal creada.

Crescendo sua filha e formando-se donzella, mais sentira redobrar-lhe a affeição; e como se acaso á sua alma se accrescentasse outra alma de novo, a obrigação se lhe ajuntava á inclinação de mais a amar.

Por isso lhe cresciam seus cuidados e seus respeitos, avantajando-se na diligencia para com maior commodo e descanso poder passar com ella a vida.

Não se assombrava pouco a boa velha quando se lembrava da hora em que Beatriz viesse a casar: e se verdade é que lhe desejava o repouso de um honrado casamento, espassava-lh'o, quanto podia, para melhor tempo, a pretexto da pouca idade, mas na verdade pelo sobejo amor que lhe tinha, e que não soffria apartamento da filha.

Ainda se o noivo lhe viera para casa, e fôra homem que ella já se costumara a estimar, cuidados seriam esses menos passados!

Por isso fôra com um secreto estremecimento que notara a affeição dos dois primos, e assentava ahi seus propositos de concerto no futuro matrimonio.

Tambem isto era um escrupulo para a timorata consciencia de Aldonsa Peres; e a este respeito tomava, na pratica d'aquella noite, conselho com a madre Joanna, bem resolvida a pedir o no dia seguinte ao padre mestre Gaspar.

.....
E a autopsia?

Mão lhe principiámos a pôr quando caminhavamos mais descurados de tal, volvendo olhos para traz ao oratorio de Aldonsa Peres.

Não acabamos de levantar aqui uma ponta ao veio que este coração de mãe nos encobria á vista?

Não lhe afastámos as nuvens aquella timorata consciencia, para devassar-lhe os mais intimos segredos seus?

Não lhe arredámos levemente da fronte, ali mesmo ajoelhada, as venerandas cãs, para lhe publicarmos os mais reconditos pensamentos?

Sim que o fizemos; não lhe embellecendo porém o amor contado, porque o amor de mãe é

ro ; uma custodia grande, e outra pequena ; dez jarras para ramalhetes ; mais duas jarras de pau, porém guarneçadas de prata ; uma alampada grande, também de prata.

Os seus ornamentos de frontaes e casulas eram riquissimos, e varios os cortinados, entre os quaes havia um de damasco carmesí, com seu sitial guarnecido de grandes franções de ouro.

Havia na mesma capella, e annexa ao altar mór uma irmandade dedicada ao serviço de S. Francisco Xavier.

Capellas do cruzeiro.

A primeira capella collateral á capella-mór, e que fica á face do corpo da egreja, chamava-se dos Santos Martyres, cuja invocação se lhe dera pelas muitas e valiosas reliquias que n'ella estavam expostas. Entre estas reliquias se contavam também as de muitos santos pontifices e confessores, mas como o seu maior numero era dos que tinham recebido martyrio, d'ahi lhe proveiu a invocação.

O ornato principal d'esta capella é o painel representando Christo com a cruz grande na mão, e varios santos martyres e confessores que lhe assistem.

Este painel retirava-se quando se expunham as reliquias, e por isso a capella não tem outro retabolo, porém primava no ornato de frontaes, casulas e cortinado.

Por cima do arco que forma a sobredita capella tem logar uma tribuna com uma imagem de S. José, segurando á direita outra do Menino Jesus.

Superior a esta tribuna ficava outra, d'onde, na Semana Santa quando se prégava a Paixão, se mostrava a imagem do *Ecce Homo*.

Corresponde a esta do lado da Epistola, a capella das Santas Virgens.

É o seu principal ornato um retabolo, onde avulta a Rainha das Virgens, Maria Santissima, acompanhada de outras virgens e santas, das quaes havia reliquias n'aquella capella.

O seu ornamento é em tudo igual á que lhe fica correspondente. Foi comprada esta capella por João Pimenta de S. Payo, para seu jazigo.

Tem igualmente sobranceiras ao arco, porque é formada, outras duas tribunas : a primeira está ornada com a imagem de Nossa Senhora, e a segunda servia igualmente na occasião do sermão da Paixão, para mostrar a imagem de Christo crucificado.

No mesmo cruzeiro, e proxima á capella das Virgens, havia uma capellinha da invocação de Nossa Senhora do Desterro, que foi mandada fazer por D. João de Castro, senhor de Rezende, para n'ella se sepultar seu filho D. Antonio de Castro. Aqui está soterrado também o padre da Companhia, doutor Francisco Soares Granatense, que fôra seu mestre. Via-se portanto do lado do Evangelho o seu jazigo, por baixo de

uma pedra de marmore onde se declarava quem mandou fazer a capella, e trasladar para ali os ossos do referido padre ; e inferior a esta a sepultura do discipulo.

A capellinha tinha por ornato uma pintura da Senhora do Desterro.

A esta corresponde outra da parte do Evangelho, collateral á dos Santos Martyres, da invocação da Santissima Trindade. Foi dada pelos padres a Gonçalo Pires Carvalho, e sua mulher D. Camilla de Noronha. Mandaram-lhe estes fazer o retabolo de pedras mui perfeitas e finas, lavradas em Roma. N'ella ha o carneiro para os referidos donos e seus descendentes. Deixaram-lhe elles para fabrica quinze mil reis annuaes de juro, os quaes se pozeram em nome de outrem, por não poder tel-os a casa em seu nome.

São estas as unicas capellas do cruzeiro ; a cada uma das quaes correspondia uma alampada de prata.

Correm por todo o cruzeiro umas grades de pau santo, assentadas sobre um degrau de pedra. Estas grades servem de resguardo á capella-mór, e suas collateraes, e também para se encostarem a ella os que tinham de communhar.

Entre o degrau onde assentam estas grades, e as que dividem o cruzeiro do corpo da egreja, era o logar destinado para sepultura dos religiosos d'aquella casa, mas nem por isso excluia outros individuos distinctos ; do que resultou dividir-se aquella area em 1637, ficando a ordem das sepulturas junto ás grades da communhão para as pessoas estranhas á casa, e as outras para os religiosos.

Passando á descripção das capellas que estão no corpo da egreja, diremos da primeira, que fica á mão direita de quem entra pela porta principal, que tem a invocação de Nossa Senhora da Doutrina. Primariamente esteve esta capella na que d'este mesmo lado estava mais proxima ao cruzeiro, com o titulo de Nossa Senhora da Assumpção. Aqui principiou o celebre mestre Ignacio a ajuntar alguns moços solteiros, officiaes, a quem o padre instrua em piedade e devoção. Crescendo o numero dos alumnos, tomaram o nome de Irmãos da Doutrina, pelo mesmo motivo que o padre Ignacio Martins, por ensinal-a, e fazer os livros d'ella, dos quaes ainda nos resta o Cathecismo que se usa nas escolas, foi appellidado o padre Mestre da Doutrina. Por muitos annos estiveram na capella da Senhora da Assumpção, até que desejando ter uma propria, obtiveram dos padres que lhes cedessem gratuitamente o sitio d'esta em que vamos fallando, para a fazerem á sua custa.

Aqui tem logar darmos uma noticia mais extensa d'esta congregação que era especial nos tempos antigos do nosso reino, e por isso transcreveremos na integra a Chronica manuscripta, a que mais especialmente nos temos reportado n'este trabalho.

«Alcançou o reverendo padre Alvaro Pires, bem conhecido n'esta cidade, por grande promotor e protector da dita Irmandade, que o reverendissimo padre Claudio Aquaviva, geral da Companhia, annuisse á celebre congregação chamada da Nunciada, que tem seu assento em Roma, no collegio da Companhia, a qual sendo geral da Companhia o padre Diogo Laynes teve seu principio no anno de 1562. E depois por uma bulla passada por Gregorio XIII, em Novembro de 1584, á instancia do reverendissimo padre Claudio Aquaviva, quinto geral da Companhia, de novo a instituiu e fundou, com titulo d'Annunciação da Beatissima Virgem Senhora Nossa, fazendo-a cabeça de todas as mais congregações, assim das já instituidas, como das que de novo se fundassem, as quaes unidas, e incorporadas n'ella, participassem todas as indulgencias, que á dita primeira congregação eram, e ao diante fossem concedidas, dando poder ao dito padre geral, que de presente era, e de futuro fosse para poder unir e incorporar na dita primeira congregação todas as mais que com sua vontade e approvação se instituíssem.

«Depois d'esta bulla de Gregorio XIII, Xisto V por outra sua despachada no mez de Janeiro de 1586 acrescentou que não só se podessem ordenar congregações de estudantes, como nos collegios da Companhia até então se fazia; mas que se estendesse a faculdade a poder fundar congregações de qualquer sorte de pessoas, assim ecclesiasticas como seculares: e por este meio se veiu a multiplicar grande numero de congregações nas casas da Companhia.

«E em virtude do seu poder, usando de sua autoridade o reverendissimo padre geral Aquaviva passou sua carta de união, e approvação, em 10 de Outubro de 1612 á congregação que continuou com o titulo de Nossa Senhora da Doutrina, a qual se augmentou muito, com a resolução, que tomaram, de receber na irmandade, não só moços solteiros, mas tambem os que já eram casados.

«E para que o augmento fosse maior, e a congregação melhor governada, se fizeram no anno de 1623 estatutos pelos quaes eneaminham tudo ao maior serviço de Deus, da Virgem Senhora, e proveito espiritual dos proximos.

«A Mesa compõe-se de vinte e quatro irmãos, dos quaes doze têm o titulo de officiaes de Mesa, e doze de presidentes.

«Assiste á dita Mesa, como prefeito, protector, e presidente um padre grave da dita Casa de S. Roque, que é chamado sempre para as resoluções das coisas graves, que occorrem na dita Mesa, que consta dos officiaes seguintes:

«De um juiz, que tem por adjuntos dois irmãos com o nome de assistentes, os quaes servem de ajudar o juiz com seu conselho e cuidado.

«Tem um secretario, que tem seu assento ao lado esquerdo do juiz, e é o seu cargo propôr todos os negocios que se offerecem na congrega-

ção; ler todas as petições; tomar conta de toda a receita e despeza da irmandade; fazer os assentos e termos dos que professam entrando n'ella, e dos que fallecem; e finalmente tudo o que occorre pertencente á congregação.

«O companheiro do secretario tem obrigação de nas ausencias d'elle fazer seu officio, e assim a tem tambem de ser procurador dos defuntos, e ter cuidado, que se cumpram as missas e suffragios por suas almas.

«Ao procurador da irmandade pertence zelar e acudir pelo bem da congregação: e quando alguns irmãos são notados de algumas faltas, se não pode escusar as faltas, procura moderar o castigo d'ellas.

«O procurador da Mesa tem por officio acudir pelo credito e bem d'ella, arrecadar suas rendas, e dispendel-as, conforme a ordem que tem da Mesa.

«Os dois mordomos tem a seu cargo toda a fabrica, e ornamentos da capella da irmandade.

«Ao enfermeiro toca visitar os irmãos pobres que estão doentes, acudindo-lhe com medico, cirurgião, sangrador, e medicamentos, soccorrendo-os com esmolas, o que faz não só distribuindo aquellas, que ministra a congregação, mas supprindo tambem com as proprias conforme suas posses.

«O thesoureiro tem a seu cargo cobrar e dispender todos os rendimentos da irmandade, conforme a ordem que d'ella para isso tem.

«O apontador toma os recados dos que tem algum negocio na Mesa, dando primeiro parte a ella da pessoa que vem fallar, declarando-o a que vem. Tem tambem á sua conta advertir, e apontar tudo aquillo que pode ser util para bem da congregação.

«Dos doze presidentes, tem cada um certo districto na cidade, e n'ella cobra todas as esmolas da irmandade, e tambem faz avizo aos irmãos do seu districto para as occasiões solemnes, e para os enterros, e cada um d'elles tem voto nas coisas que pertencem á sua presidencia.

«E tendo dito as obrigações dos officiaes da Mesa de que depende o governo d'ella: segue-se dar conta de outros, que ha fora da Mesa, os quaes se elegem cada anno. E d'estes tem quatro o titulo de visitadores, para cujo officio se deputam irmãos abundantes e caritativos para soccorrerem sessenta visitados pobres, e para esse effeito lhe entrega a Mesa dois livros, com os nomes dos visitados, e para seu soccorro se lhe dão doze mil réis cada mez para os distribuir dando a cada um duzentos réis. Esta esmola, que não parece grande, costuma fazer maior a caridade dos visitadores, que acrescentam conforme suas posses.

«Elegem-se mais seis irmãos cada anno, com titulo tambem de visitadores, aos quaes se entrega o cuidado de vigiar sobre o procedimento e vida dos irmãos congregados, e achando al-

guns menos ajustados com as obrigações da christandade, dão parte á Mesa, para que ella procure a sua emenda, e quando a não tenham, proceder ao castigo que parecer razão.

«Nomeam-se mais vinte e quatro irmãos, a que dão o titulo de eleitos, podendo dar-lhe com mais razão o de eleitores, porque a elles toca eleger os officiaes da Mesa nova, unindo-se por sorte cada um d'elles com um dos officiaes da Mesa que acaba.

«E além d'esta occupação tem a seu cargo informar todas as petições dos que pretendem entrar na congregação.

«E havendo algum negocio extraordinario são chamados para concorrer com os mais officiaes da Mesa para a resolução do negocio que se hade tratar.

«Além dos ditos sujeitos, que servem a irmandade annualmente tem n'ella outros, que não são annuaes, e taes são, um advogado, que é irmão, com obrigação de advogar em todas as causas, que se moverem á dita congregação, ou ella fôr obrigada a mover, sem por isso levar salario algum.

«E assim mesmo tem mais um requerente, que é tambem irmão, e serve sem estipendio.

Continua. — F. D. D'ALMEIDA E ARAUJO.

ESTUDOS SOBRE A HISTORIA SAGRADA.

Continuação.

CONDIÇÕES OU CLASSES.

Todos os israelitas eram irmãos; não havia portanto entre elles nem nobres nem peões. A principal distincção que o nascimento punha era a de levitas e de sacrificadores.

A tribu de Levi era consagrada a Deus. Não possuíam bens, e recebiam os dizimos e as primicias que as outras tribus lhes entregavam. Designavam-se-lhes quarenta e oito cidades para em roda d'ellas os levitas fazerem pastar os seus rebanhos.

Entre os levitas unicamente os descendentes de Aarão eram sacrificadores: o resto da tribu occupava-se nas outras funcções da religião, nos canticos dos psalmos, na guarda do Tabernaculo ou do Templo, e na instrucção do povo.

Entre as tribus, as mais distinctas eram a de Judá, a mais numerosa de todas, e a de Ephraim, filho de Josué.

Em cada tribu eram muito considerados os ramos mais velhos, e os chefes de cada familia, aos quaes se chamava principes do povo. Por este motivo na Escriptura, velho ou ancião expressa ordinariamente dignidade. Effectivamente só a idade e a experiencia é que podiam distinguir homens igualmente nobres, quasi egualados em riquezas, educados do mesmo modo, e occupados nos mesmos trabalhos.

ARTES E OFFICIOS.

Os israelitas não se entregavam nem ao commercio nem ás manufacturas; só a tribu de Zambulão, porque ficava proxima ao mar, é que fazia algum trafico.

Até ao tempo dos reis, parece que não havia hebreus artistas de profissão, e que trabalhassem para o publico. Desde o chefe da tribu de Judá, até ao ultimo cidadão da de Benjamin todos eram lavradores e pastores, pastoreando elles mesmos os seus rebanhos, e lavrando a sua terra. A maior parte dos officios era-lhes inutil. Aquella vida simples e a doçura do clima isemp-tava-os d'esta enormidade de necessidades creadas pela molleza, pelo luxo, e pela vaidade. Quanto ás coisas verdadeiramente necessarias poucos havia que as não soubessem fazer. Tudo quanto respeitava ao nutrimento se fazia dentro em casa. As mulheres amassavam, preparavam o comer, fiavam, teciam, costuravam. Os homens encarregavam-se do resto.

David deixou no seu reinado grande numero de artistas de toda a especie, especialmente pedreiros, carpinteiros, ferreiros, e ourives. Salomão escolheu em todo Israel trinta mil artistas para a construcção do Templo, e oitenta mil carreteiros e canteiros para as pedras das montanhas. Por isso é unicamente do reinado d'estes principes que se vêem introduzidas as artes e os officios entre os hebreus. Depois da divisão do reinô de David, o luxo augmentou, e o numero dos artistas cresceu em proporção: uma prova porém de que nunca tiveram grandes manufacturas, é que o propheta Ezequiel, descrevendo a influencia das mercadorias que vinham a Tyro, diz que da terra de Judá e de Israel ia o pão, o azeite, a resina, e o balsamo, tudo producções do paiz que habitavam.

VESTIDOS DOS HOMENS.

O vestuario dos israelitas quasi que não tinha feitio. Eram peças de fazenda que se faziam segundo o tamanho e a configuração do que as devia vestir: nada se talhava, e pouco se cosia. As mulheres tinham artes de tecer logo um facto com mangas no tear, sem costura ou abertura senão na parte superior, para metter a cabeça. Tal a tunica que se diz ter sido feita pela Virgem para Jesus Christo.

As modas não mudavam os fatos, e os estofos empregados eram, pela maior parte, a lã, o linho fino, o algodão, e uma especie de seda de amarello doirado. A belleza dos vestidos consistia na finura dos estofos, e na côr; as côres mais estimadas eram a branca, a escarlata, e a violeta. Os mancebos e raparigas usavam vestidos variegados. Os ornamentos dos vestidos eram franjas, tiras de purpura, bordados, e alguns colchetes de oiro e pedraria onde necessarios. A magnificencia consistia em mudar muitas vezes de vestidos, e trazel-os bem acciados.

Compunha-se o vestuario da tunica, e do manto. A tunica era larga para deixar ao corpo desembaraçados todos os movimentos. Quando não trabalhavam desprendiam-na da cintura, e então ella arrastava; mas quando se dedicavam ao trabalho cingiam-na. Os cintos faziam uma parte da magnificencia do vestuario: os dos principes e sacerdotes eram largos e compridos, de precioso tecido, e de diversas côres. D'elles se pendurava a espada e a faca. O manto era uma peça de fazenda, sem feitiço algum.

Os israelitas cobriam a cabeça com uma especie de tiara. Usavam a barba e cabellos compridos. Banhavam-se muitas vezes, e lavavam os pés quando entravam em casa, se sentavam à mesa, ou se deitavam, porque usavam de sandalias. Como a água dissecava a pelle, untavam-se com oleo simples, ou com uma infusão de drogas aromaticas; e era a isto que elles chamavam unguento.

VESTIDOS DAS MULHERES.

Tanto como os homens eram simples no vestuario, as mulheres eram esmeradas nos ornatos. As tunicas eram semelhantes ás dos maridos, e differenciavam-se sómente pelo comprimento, ornatos, e finura do estofa, pintado ordinariamente de diversas côres.

Usavam cintos de seda, sapatos de côr de violeta, collares, braceletes, e manilhas no fino da perna onde se lhes prendia o calçado; arrecadas, anneis, cadêas de oiro, caixas com perfumes, adereços de pedraria, caindo-lhes pendentes pela frente, ou pelas costas, alfinetes na cabeça ornados de perolas, ou pedras preciosas, ou rubins de grande preço. A cabeça andava coberta com uma especie de mitra ou barrete, que se prendia com fitas seguras por alfinetes de oiro, diamantes ou perolas. Estimavam mais os cabellos pretos, e as que os não tinham d'esta côr pintavam-n'os. Tinham grande cuidado em untal-os com oleos odoriferos, apartando-os no alto da cabeça, e entrançando-os. Finalmente usavam um veio muito comprido, que ao mesmo tempo lhes servia de manto. Não appareciam em publico sem este ornamento.

• MOVEIS.

Os israelitas eram tão simples nos moveis como nos vestidos: limitavam-se ao simplesmente necessario. Vasilhas de madeira ou de barro era o uso geral da nação; os vasos de oiro ou de prata unicamente se encontravam no templo do Senhor, no palacio dos reis, e em poucas casas d'alguns opulentos. Os moveis que se julgavam mais indispensaveis eram o leito, a mesa, o assento, e o candelabro. Os leitos eram camas sem cortinas. Os mais ricos tinham leitos de marfim. O logar ordinario do leito era de encontro á parede. O candelabro era uma especie de colum-

na, que se fixava ou assentava no chão; tinha uma, ou mais luzes a azeite. Usavam tambem tapetes para se sentarem n'elles ou deitarem.

USOS.

Em geral os costumes e usos dos israelitas foram sempre puros, porque uma nação laboriosa é necessariamente menos corrompida do que a ociosa. Não se conhecia o luxo entre elles; a caça não era ali um divertimento, era uma necessidade para o sustento, e tambem para preservar os campos e os vinhedos. Os caçadores não iam seguidos de matilhas de cães, nem os proprios reis os tinham. O caçador contentava-se com armar laços e redes.

Não-tinham espectaculos profanos: as ceremonias da religião e dos sacrificios eram os seus unicos espectaculos. Deviam ser magnificos, porque o templo era o mais soberbo edificio do paiz, e contavam-se mais de quarenta mil levitas encarregados das funcções sagradas.

Tambem servia muito para a pureza dos costumes aquelle isolamento em que as mulheres viviam, fugindo dos estrangeiros.

As raparigas, antes de casarem, nunca appareciam em publico; e mesmo em casa estavam em quartos separados, onde os homens não entravam. As mulheres, quasi tão retiradas como as filhas, poucas vezes saiam, ou se eram obrigadas a fazel-o com suas filhas, para irem ao templo, ou á celebração d'alguma festa publica ou particular, só appareciam com o veio; não o tirando senão quando estavam com os seus mais proximos parentes. Quando em casa jantavam estranhos não comiam á mesa dos seus maridos; mas serviam-n'os. Nos festins as mulheres reuniam-se para comerem isoladas dos homens, nunca se misturando com elles.

Os israelitas evitavam cuidadosamente o commercio dos estrangeiros, aos quaes designavam pelo nome de *gentios*; nunca lhes entravam em casa. Aborreciam os idolatras, especialmente os incircumcisos, porque não eram só elles que praticavam a circuncisão: estava ella em uso entre muitos descendentes de Abrahão, como os ismaelitas, os madianitas, e os idomeus; nos moabitas e ammonitas descendentes de Loth; e até mesmo os egypcios a reputavam uma purificação necessaria.

Apesar d'isso os hebreus soffriam os incircumcisos que adoravam o verdadeiro Deus, consentindo-lhes mesmo que entrassem na Terra Santa, comtanto que observassem a lei da natureza. Chamavam-lhes *proselytos* de habitação, ou *Noechidas*, porque não-eram obrigados senão aos preceitos dados por Deus a Noé quando saiu da arca. Se estes fieis se faziam circuncidar, eram reputados filhos de Abrahão, sujeitos a todas as observancias judaicas, e denominados *proselytos* da justiça.

Continua.

A.